

As dificuldades dos jovens Haitianos no processo educativo na série fundamental: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio – EEEFM do Prof. Orlando Freire

Les difficultés des jeunes haïtiens dans le processus éducatif dans l'enseignement fondamentale: École Publique D'Enseignement Primaire et Secondaire - EPEPS do Prof. Orlando Freire

Charlot Jn Charles¹
Josué da Costa Silva²

RESUMO: Este estudo analisou os problemas enfrentados pelos alunos haitianos durante os primeiros meses de contato com a língua portuguesa no ensino fundamental da escola Orlando Freire. O objetivo foi identificar e analisar as dificuldades encontradas os quatro (4) haitianos durante o primeiro ano no ensino fundamental, na escola Orlando Freire, Porto Velho Rondônia Brasil. A presente pesquisa foi realizada mediante o uso da metodologia de “História Oral” proposta por Meihy (2005) contando com a participação de quatro (4) alunos haitianos, dois discentes brasileiros e dois (2) professores de língua portuguesa, do ensino fundamental no período matutino da escola Orlando Freire, localizada na cidade de Porto Velho, Rondônia/Brasil. Através das pesquisas realizadas com alunos e professores, identificamos a necessidade de uma capacitação para os alunos haitianos na língua portuguesa, visto que a língua portuguesa é fator primordial para entender todas as disciplinas estudadas no processo de aprendizagem dos educandos. Além disso, é preciso que eles sejam instruídos para entender com mais nitidez o funcionamento do sistema educativo brasileiro. Salutar a compreensão que, no processo do aprendizado os professores levem em consideração, a compreensão dos alunos estrangeiros durante o processo de adaptação e integração no ambiente escolar.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Língua Portuguesa. Orlando Freire.

RÉSUMÉ: Cette étude analyse les problèmes rencontrés par les étudiants haïtiens au cours des premiers mois de contact avec la langue portugaise dans l'enseignement primaire à l'école Orlando Freire. L'objectif était d'identifier et d'analyser les difficultés rencontrées par les quatre (4) Haïtiens au cours de la première année de l'enseignement fondamentale, à l'école Orlando Freire de Porto Velho Rondônia au Brésil. La présente recherche a été réalisée en utilisant la méthodologie "Histoire Orale" proposée par Meihy (2005), avec la participation de quatre (4) étudiants haïtiens, de deux étudiants brésiliens et de deux (2) professeurs de portugais, session du matin de l'école Orlando Freire, située dans la ville de Porto Velho, Rondônia / Brésil. À travers les recherches menées avec les étudiants et les enseignants, nous avons identifié le besoin de formation des étudiants haïtiens dans la langue portugaise, la langue portugaise étant un facteur primordial dans la compréhension de toutes les disciplines étudiées dans le processus d'apprentissage des étudiants. En outre, il faut leur apprendre à comprendre plus clairement le fonctionnement du système éducatif brésilien. C'est salubre que les enseignants prennent en compte la compréhension des étudiants étrangers au cours du processus d'adaptation et d'intégration dans le milieu scolaire.

Mots-cles: Enseignement Fondamental. Langue Portugaise. Orlando Freire.

INTRODUÇÃO

Desde alguns anos observa-se a presença de um grande número de haitianas e haitianos no território brasileiro, tendo por objetivo a procura de melhores condições de vida para si e suas famílias. A primeira coisa que se faz é procurar emprego para suprir as suas necessidades básicas, tais como: alimentação, moradia e outras. O segundo momento (no caso dos casais) é procurar a maneira mais rápida de trazer suas esposas e vice versa; no terceiro momento é trazer os filhos para morar juntos. Com a presença do pai, a mãe e filhos a família se prepara para enfrentar novos desafios. Sem demora, os imigrantes enviam seus filhos para escolas, tal atitude nós faz entender que mesmo os pais que não têm um nível de conhecimento acadêmico acreditam que o caminho da escola seja o melhor percurso a percorrer um cidadão visando suas realizações, consciente, autônomo e livre de qualquer ideologia, uma vez que, sem o conhecimento, fica mais fácil de obedecer aos demais sem saber o porquê, isto é, sem condição de questionar sobre as coisas que envolvem as nossas vidas.

¹ Haitiano graduado em Filosofia pela Faculdade Católica de Rondônia. Discente de Mestrado no PPGG/UNIR. E-mail: jcharlot64@yahoo.com

² Pós-Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. Doutor e Mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo. Docente do Departamento de Geografia e do PPGG/UNIR. E-mail: jcosta1709@unir.br

Com tal visão e outras eles optaram por inserir os seus filhos nas escolas públicas brasileiras. Dentre de tantas escolas públicas no município de Porto Velho optamos trazer presente tanto para o mundo acadêmico e também para as pessoas que tem interesse em saber, como está sendo a vivência dessas pessoas que partilham o mesmo espaço escolar, com os alunos haitianos em relação à língua portuguesa. Sendo para os imigrantes um grande desafio, devido à complexidade da língua estrangeira portuguesa. Através desta pesquisa, fomos surpreendidos pelos sentimentos de estudantes brasileiros e estrangeiros, que dominam uma única língua tentando conversar uns com os outros, assim como da situação dos professores perante esse contexto.

Para facilitar um melhor entendimento da comunidade pesquisada com o pesquisador, escolhemos fazer as entrevistas na língua nativa do Povo Haitiano, o “Crioulo Haitiano, ou simplesmente o Haitiano”, e em português com os brasileiros. Advogamos a condição vantajosa quando a língua usada entre o pesquisador e seus entrevistados em uma pesquisa é a língua materna. Tal medida possibilitou extrair informações que talvez não fossem possíveis de descrever em outra língua. Nesse sentido, a primeira indagação que nos surgiu foi: Os educandos haitianos sabiam dos desafios que seria seguir os estudos em uma língua estrangeira, completamente diferente da sua e que não tinham nenhum conhecimento? Quais são as suas expectativas como caminho de superação para vencer essas dificuldades sem cair em desespero ou vontade de não querer ir à escola?

Acreditamos que estas indagações e outras serão pontos essenciais para entender o que eles sentem, vivem e planejam para o futuro. E para obter dados suficientes, além de bibliografias faz-se necessário a realização de pesquisa de campo, utilizando a metodologia da “História Oral” Meihy (2005) com depoimento dos quatro entrevistados: dois haitianos: Mislíe (14 anos), Joël (13anos), dois professores de língua portuguesa e dois alunos brasileiros, colegas de sala dos haitianos pesquisados. Os narradores moram com suas famílias e estudam no ensino fundamental no período matutino, da escola Orlando Freire, situada na cidade de Porto Velho, Rondônia/Brasil.

Benjamin (1987) em sua obra “O Narrador” nos conduz ao entendimento da importância de conhecermos outros mundos a partir das experiências narradas por outras pessoas, assim como feito no presente estudo. É ouvindo o narrador que podemos imaginá-lo como uma pessoa que vem de longe e valoriza as histórias tão importantes e que trazemos para estudos na ciência geográfica. Podemos ainda conciliar as considerações do autor a concepção de Meihy (2005, p. 57) em sua obra “História Oral”, quando o autor afirma que “A história oral se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida – quanto mais elas contarem a seu modo, mais eficiente será seu depoimento”. Através das pesquisas realizadas com alunos e professores, identificamos a necessidade de uma capacitação para os alunos na língua portuguesa, visto que a língua portuguesa é fator primordial para entender todas as demais disciplinas. O entendimento adequado da língua portuguesa que os dera condição necessária para compreender o universo educativo brasileiro na sua ampla abrangência.

ENSINO FUNDAMENTAL UMA ETAPA PRIMORDIAL NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS ALUNOS (AS)

Por Ensino Fundamental entende-se como um dos momentos cruciais na formação educativa de qualquer pessoa, como também, os primeiros passos de sociabilidade entre pessoas que são originárias de outras realidades, de famílias com percepções diferentes das nossas. Ele é também um dos níveis da educação básica, isto é, a base que sustenta todos os outros níveis que vêm depois tais como: os estudos do ensino médio, os estudos universitários. No Brasil, como em outros países, o ensino básico é obrigatório para todas as crianças e adolescentes que têm entre os 04 e 14 anos de idade. O tempo de duração varia de país para país, no caso do Brasil o ensino fundamental tem duração de nove anos.

O ensino fundamental ou básico tem como foco principal oferecer uma formação básica do cidadão, sendo uma preparação para o futuro, como seres responsáveis para o bom

funcionamento da sociedade. De acordo com o artigo 32 da lei nº 9394/2006, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) do Brasil, para cursar o ensino fundamental é importante que o aluno ou a aluna tenha boa compreensão da língua, ou seja, da língua portuguesa para brasileiros. Além disso, é necessário que ele apresente ao longo desse processo, o domínio da leitura como também da escrita, para o desenvolvimento e a capacidade de aprender novos conhecimentos por meio das habilidades citadas, isto é, leitura e escrita. Durante esta etapa é almejado ao aluno condição necessária para a sua inserção na sociedade onde começará a evoluir a habilidade de sociabilidade e dos valores que fundamentam a sociedade, valores estes éticos e morais.

No Brasil o ensino fundamental faz parte da formação curricular estabelecida no processo educativo dos alunos, segundo as normas estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, tendo como passo as seguintes etapas: educação infantil, ensino fundamental e educação superior. De acordo com Moser e Charles, (2018) é importante que a sociedade destaque o papel importante da educação na sociedade, pois consciente desta realidade, é importante ressaltar que a educação no ensino superior sem uma preparação de qualidade desde a base não será possível ter um bom resultado. Os autores ressaltam ainda que a educação é importante quando se quer “[...] formar o homem para a vida, vivendo na sociedade, uma sociedade baseada sobre princípios e regras, deveres e direitos” (MOSER; CHARLES, 2018, p. 233). O objetivo principal da escola é formar o homem para viver bem na sociedade, quando há falhas nesse percurso o prejuízo a sociedade é uma perda irreparável.

Consciente dessa realidade no Brasil a lei determina que a matrícula no ensino fundamental seja obrigatória, sendo uma responsabilidade conjunta entre os responsáveis pela criança e o governo. Enquanto os pais das crianças têm obrigação de matricular e acompanhar os seus filhos no processo de aprendizagem, ao Estado cabe à responsabilidade de garantir a oferta da quantidade de vagas necessárias nas escolas públicas. Entretanto, este serviço educativo também pode ser ofertado pelo ensino privado. Uma boa educação básica proporcionará aos alunos desde cedo a capacidade de escrever, ler e ter noção de base dos cálculos. Uma nítida percepção dos valores que formam a sociedade: ambiente social, artes, tecnologia e sistema político. A importância de ser solidário com o outro, praticando a tolerância e vínculos familiares como bases essenciais para a sociedade.

A LÍNGUA PORTUGUESA FATOR PRIMORDIAL PARA OS ALUNOS (AS) ESTRANGEIROS (AS) QUE DESEJAM ESTUDAR NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

Estudar em escola requer um conhecimento linguístico considerável do país onde se estudam, visto que a língua falada é o ponto de partida ou ponto chave para entender todas as outras disciplinas oferecidas no decorrer do tempo acadêmico, como também de se entender uns aos outros dentro de um mesmo espaço construído tanto filosófico como também geográfico. A língua portuguesa é a língua oficial e mãe dos brasileiros a exceção dos povos indígenas que partilham o mesmo espaço, territorialmente falando. Portanto, para o estrangeiro que chegam ao Brasil com o desejo de ser membro ativo da sociedade brasileira, praticando atividades como trabalhar, conviver e estudar, comum encontrar-se em uma situação muito difícil nos primeiros meses na sua adaptação com a cultura brasileira, sobretudo a compreensão da língua portuguesa. Mislie uma jovem haitiana de 14 anos, aluna da escola Orlando Freire, nos narra suas experiências a partir dos seus primeiros meses de contato com a língua portuguesa.

Saí do Haiti em avião, fiz escala em Panamá em seguida cheguei no Brasil na cidade de Manaus. Éramos muitos haitianos, porém, conversei com três haitianos que sentavam perto de mim. Chegando em Manaus dividimos cada que foi para sua cidade de destino e continuei a viagem para a cidade de Porto Velho nos quatro (4), eu meu primo e mais outros dois (2). Essa viagem para é algo que nunca vou esquecer, foi a primeira vez na minha vida viajei de avião, algo que sempre sonhei voar no ar, mas graças a minha família este sonho foi realizado e agradeço muito a eles. No Haiti sempre gostava de ir a escola, chegando aqui meus pais fizeram a minha inscrição na

escola Orlando Freira, uma realidade muito diferente do país, em primeiro momento as pessoas não falam Créole e nem o Francês só ouvi Português, fiquei desesperada. Desesperado porque não entendia nada do que eles falaram, as vezes faziam sinal com a minha mão em outro momento não fiz nada.

Na fala de Mirlie ela descreve a sensação de sua viagem de Haiti para o Brasil como uma experiência muito boa que marcou a sua vida. Como relatou ela “sempre sonhei em viajar de avião” é muito fácil conciliar a fala dela com o semblante do seu rosto ao descrever a sua viagem para o Brasil, onde os seus países residem há algum tempo. A outra parte da sua conversa é quando teve que ingressar em uma escola onde a língua falada é o português, uma situação nos primeiros momentos que a deixa muito preocupada e desesperada. Analisando a fala de Mirlie, quem nunca passou tal situação, quem nunca viveu a experiência migratória talvez não vai entender na completude o momento que ela procura nos explicar quando diz “as pessoas não falam *Créole* e nem o *Francês*, só ouvi Português, fiquei desesperada”. Convidamos o leitor a se imaginar em um grupo onde fala um idioma diferente do seu, todo mundo tenta conversar com, e você só consegue ouvir várias vozes ou sons sem poder identificar nada do que está sendo dito. Automaticamente, você se sente perdido, isolado num planeta sozinho.

Viver sem poder se comunicar ou mais especificamente sem poder expressar nossos sentimentos por palavras e sem compreender a fala dos outros que estão ao nosso redor, é sem dúvidas uma situação muito constrangedora, visto que a linguagem ocupa um lugar primordial nas nossas convivências cotidianas como pessoas. Bakhtin em seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1996) destaca a palavra como parte central da vida do ser humano. Segundo esse autor, a palavra constitui o material ou a essência da linguagem interior e da consciência. Em muitas ocasiões é expressando que o nosso interior se comunica com o mundo exterior. Além de ser um elemento de grande valor da comunicação na vida cotidiana e de acompanhar toda manifestação ideológica, que carregamos conosco, a palavra esta presente em todos nossos atos que realizamos durante nossas vidas, nas nossas relações uns com os outros, a chave de compreensão e de interpretação de nosso mundo em sua completude.

Raffestin (1993, p. 97) no seu livro *Por uma Geografia do Poder* Nos diz que “[...] a língua é um recurso, um trunfo, e por consequência está no centro de relações”. Tal afirmação vem reforçando a suma importância que tem a língua nas relações humanas, ela está no centro, por ser o centro não tem como descuidar dela, se queremos entender como se funcionam as relações existentes entre os indivíduos que partilham um mesmo espaço. O autor continua nos dizendo que a língua além de ser um meio de comunicação ela serve também como instrumento de comunhão. Para os alunos haitianos, até o momento que conseguem quebrar a barreira linguística, não existia uma comunhão verdadeira, visto que não se entendem, não era possível trocar mensagens, partilhando cada um a sua visão do mundo, por serem duas nações diferentes sem dúvida nenhuma têm muitas coisas boas para partilhar e discutir entre ambas. Entretanto, para que isso ocorra é essencial que os sujeitos consigam dialogar, trocar experiências e falar sobre suas vidas.

Joana uma das alunas brasileiras que estuda junto à Mirlie, nos explicou que ela entendeu esse processo de adaptação que está passando os alunos haitianos, como quaisquer outros estudantes estrangeiros. Ela mesma sendo uma adolescente consegue perceber as dificuldades enfrentadas por uma pessoa que vem de uma cultura diferente, se esforçando para viver algo diferente. A respeito da língua a jovem Joana nos diz,

Eu entendo perfeitamente que não é fácil se encontrar no meio de um grupo de pessoas onde você não fala a mesma língua com os demais. Ainda não passei por isso, porém, é possível sentir algo que dificulta a interação da Mirlie. Para nós é mais fácil conversar entre nós porque falamos a mesma língua, a professora fala a mesma língua que nós. Penso existe uma diferença muito grande entre o momento quando a Mirlie chegou na escola pela primeira até hoje, mesmo que não fala muitas coisas ainda mas posso sentir a diferença e espero com o tempo poderá compreender melhor a nossa língua.

A fala de Joana nos mostra a enorme dificuldade que passa um aluno estrangeiro no processo de aprendizado da língua estrangeira, ela mesmo que não viveu uma situação parecida, porém, sendo solidária consegue entender que a sua companheira de sala Mirlie sofreu e ainda sofre, nesse processo de dominar a língua portuguesa como elemento indispensável para a compreensão de todas as demais disciplinas. Ainda ressalta ainda que “para nós é mais fácil conversar entre nós porque falamos a mesma língua”. A fala de Joana vai de acordo com o fala do filósofo francês Jean-Marc Besse quando nos dizendo: “La langue que nous parlons donne une forme à notre existence personnelle. Notre manière de percevoir, d’identifier, qualifier, de juger les objets qui nous entourent et les émotions qui nous traversent”³, (BESSE 2013, p. 229). Tal afirmação deixa bem clara que a nossa compreensão do mundo depende muito da língua que falamos e compreendemos. Expressão é uma condição necessária do ser humano visto que através da comunicação interagimos com o mundo exterior.

É através da comunicação que encontramos a maneira certa de qualificar, identificar, discutir, acordar e discordar com o que acontece no mundo. A língua como elemento indispensável no processo de aprendizagem e na nossa convivência tem e terá sempre um papel de destaque. O filósofo alemão Immanuel Kant no seu livro “A Crítica da Razão Pura” nos mostra nitidamente o poder da língua quando discute sobre os juízos. O juízo é uma relação entre o sujeito e o predicado e essa relação é feita por de linguagem. Todo juízo implica uma negação ou afirmação de algo e para isso a linguagem é essencial. A linguagem está na base de análise de qualquer fonte de investigação de conhecimento tanto a priori e a posteriori. Falar dos juízos, um dos professores entrevistados conta que “nos primeiros meses dos alunos haitianos na escola, não foi possível eles emitirem nenhum juízo sobre as coisas, nem conseguiam se apresentar em português”. Assim diz fala o professor,

Eu sou João o professor de português, trabalho nesta instituição desde muitos anos, a maioria dos alunos que tive e ainda tenho apresenta grande dificuldade na aprendizagem da língua portuguesa. Principalmente nas gramaticais, porém, com a chegada dos haitianos nesta escola deparei com uma situação nova, na qual não tinha pensado até então. Sabe não é fácil lidar com pessoas que façam a sua disciplina além da complexidade que tem a língua portuguesa gramaticalmente, e vê que a pessoa não domina a língua, nem por escrita, na fala tampouco pela audição. Enquanto para eles é muito desconfortável, para mim como professor responsável isso me faz pensar muito. Pensar uma alternativa em ajuda-los a entender o conteúdo, outra coisa que notei se eles não dominam a língua portuguesa como disciplina básica, como fundamento eles com certeza não serão capazes de entender muito menos outras disciplinas.

Analisando a fala do professor João, verificamos a grande dificuldade que vivem os alunos haitianos que estudam na escola Orlando Freire durante o processo de suas adaptações. É muito complexa tal realidade, onde o professor se depara com algo novo diante dessa situação a ele cabe à responsabilidade de levar os alunos haitianos à compreensão da disciplina da língua portuguesa sendo à base de entendimento de todas as outras disciplinas. Em seguida conversamos com a Amanda outra professora da língua portuguesa da mesma escola. A professora Amanda nos relatou algo muito parecido como o professor João, ao ser solicitada falar sobre suas experiências com alunos haitianos, ela relatou que,

Meu nome é Amanda, trabalho nesta escola como professora de português. Trabalho esta disciplina porque amo muito de trabalhar a linguística, desde cedo na minha adolescente sempre sonhei ser professor e a disciplina que me especializei e que amo de trabalhar é a portuguesa e inglesa, porém, sempre me chamou mais atenção a língua portuguesa. Já tenho muito tempo ensinando essas disciplinas durante este tempo é comum encontrar alunos que gostam e se dedicam em estudar muito a língua portuguesa enquanto,

³ “A língua que falamos dá forma à nossa existência pessoal. Nossa maneira de perceber, identificar, qualificar, julgar os objetos ao nosso redor e as emoções que nos atravessam”, (BESSE, 2013, p. 229). Tradução nossa.

existem outros alunos que não a valorizam, porém sempre falo para eles que não tem como descuidar a disciplina de português visto que ela é a base do desenvolvimento de qualquer outra disciplina desenvolvida ou estudada durante o processo de aprendizagem. Ela nos acompanha sempre enquanto estivermos vivos relacionando-nos com o outro. Não foi nada fácil o início do estudo dos alunos haitianos na minha disciplina, a explicação que dei não chegava no ouvido deles, porque para entender as minhas explicações, eles precisavam entender a língua primeiro. Foi um momento de grande preocupação tanto para mim e para eles. Ainda eles precisam se esforçar muito para se adaptar, mas penso que vão conseguir porque está bem diferente que quando chegaram.

A dificuldade de estudar num país onde não compreende a língua falada é mais que complexo, mas é sempre bom quando o professor ou a professora tem a capacidade de entender a dor do outro, porque ser professor implica muito mais que ir a uma instituição e dar uma disciplina. Para ser um bom professor ou uma boa professora precisamos ser pessoas compreensivas. Assim como a professora Amanda demonstrou tanta preocupação com estes alunos estrangeiros em busca do pão intelectual, assim também devemos ser a quem está ao nosso redor. Como ela mesma diz: “foi um momento de grande preocupação tanto para mim e para eles”. Precisamos sempre nos preocuparmos pelo outro, pois estamos todos conectados neste mundo, ninguém neste mundo vive isolado.

Tal atitude nos remete ao conceito heideggeriano do “ser-aí”, na sua obra “Ser e Tempo”⁴. Nesta obra o filósofo alemão elenca quatro sentidos do mundo: (1) o mundo como conceito ôntico, ou seja, que se refere à totalidade dos entes que estão no mundo; (2) mundo no sentido ontológico, referente aos entes do primeiro item; (3) mundo no sentido ôntico, referente ao mundo pre-ontologicamente existenciário: o mundo público, doméstico, enfim, das coisas percebidas dos entes intramundanos; (4) mundo como conceito existencial-ontológico da mundanidade. Esta última colocação vai de encontro com a atitude dos professores brasileiros centrando na instituição que trabalham juntos com os colegas de salas haitianas que partilham um mesmo espaço educacional. Como a presença do ser-aí em acolher estes alunos haitianos que precisam apoio estando longe de suas terras de origens. É partir dessa compreensão que Heidegger discute o estar-com e o estar-entre, características do “ser-aí”, que se constitui a partir dessa posição relativa circunstanciada. O “ser-aí” não é isolado, passamos a existir em relação ao outro, somos quem somos em relação aos objetos, às pessoas, a nós mesmos, de maneira mais ampla à natureza, sempre em dado espaço e tempo.

Continuando nossa pesquisa ouvimos a Claire, uma jovem haitiana, nasceu de uma família de três irmãos, mora junto com a sua família há alguns meses na cidade de Porto Velho, Brasil. A jovem nos explica como viveu os primeiros anos no ensino fundamental na escola Orlando Freire,

Nos primeiros meses não me sentia em casa, tudo que acontece na escola para mim era coisa sem sentido. Portanto ouvir o português minha cabeça chegou até doendo. Sabe aquela vontade de querer ouvir a sua língua que você sabe falar, desde criancinha e chega um momento não tem com quem falar? Quando estava no Haiti falava tranquilamente em *créole* ou em francês com meus amigos e minhas amigas, os professores e professoras falavam em francês ou em *créole* e chegando aqui tudo mudou. Aí pude notar uma grande diferença entre a minha língua mãe e o português que estou aprendendo agora. Em português converso sem segurança, com muito medo de errar. Espero mais na frente poderei entender muito melhor a língua portuguesa e falar fluentemente com meus amigos e meus professores.

Na fala de Claire podemos levar em consideração a língua materna (*créole* e/ou francês línguas que ela falava quando morava no Haiti) a dificuldade de se expressar na língua portuguesa como uma língua estrangeira e sua falta de segurança acompanhada de medo de não

⁴ M. Heidegger, Ser e Tempo.

errar nas suas conversas. Acompanhando o raciocínio da jovem entendemos a língua materna por definição, é aquela língua que aprendemos desde a nossa infância e chegando a fase adulta. Crescemos com uma maturidade que é difícil desenvolver em outras línguas diferentes da que aprendemos desde criança, naquela língua onde que começamos a formar juízo e entendo o formato do mundo no qual estamos inseridos. Como bem explica Foucault (2004), a língua materna ou nativa é considerada como sendo a “única pátria real”, isto é, o lugar de segurança, assim como quando uma pessoa se goza de todos os direitos de um cidadão quando está na sua pátria. O autor continua dizendo que a língua materna ou nativa é a “única casa onde se pode parar e abrigar”, vem de encontro com a lógica da Claire quando nos relatou a sua falta de segurança na língua portuguesa, algo muito comum das pessoas que têm contatos iniciais com uma língua estrangeira. Conversando com o aluno Guy encontramos também algo parecido ao mergulhar na sua compreensão, nos seus primeiros meses de contato com a língua portuguesa na escola onde ele estuda,

Meu nome é Guy, tenho seis (6) irmãos, moro com minha família. Tenho 14 anos sou aluno de ensino fundamental na escola Orlando Freire. Bom vim para o Brasil porque meus pais me mandaram buscar o ano passado. Estou muito feliz estar aqui no Brasil, porém, mesmo estando com minha família sempre sinto a falta dos meus colegas, meu país. Na escola onde estou estudando, quando iniciei foi muito difícil para mim porque não entendia nada na língua que falava tanto os professores e os meus colegas. Às vezes falei francês ou/e *créole* quando tentaram conversa comigo, sei que ninguém me entendia, mas era o único jeito de não ficar calado. Via-me longe da casa ou até fora da casa, em um lugar desprotegido, muitas vezes me dá vontade de voltar para minha casa porque lá minha família fala a minha língua, mas aqui na escola não. Posso dizer, agora parece um pouco melhor mesmo não entendo ainda tudo o que se fala, porém tem coisas que eu sei dizer.

Guy nos mostra momentos de desespero, vontade de fugir da escola por não conseguiu entender e comunicar com os demais. Ao mesmo tempo passou por um momento nostálgico, lembrando da sua terra natal e de seus colegas deixados no seu país de origem, o Haiti. Mesmo sabendo que não era possível conversar nas suas línguas com os brasileiros que tentavam conversar com ele em português, fez questão de falar em francês ou/e *créole* línguas faladas quando estão com pessoa de mesma nacionalidade que ele. Ao refletir sobre a palavra casa que o Guy se enfatizou muito na sua fala como símbolo de segurança nós remete as ideias de Bollnow (2008) em sua obra *O homem e o espaço*, nos leva a pensar a casa como um lugar de segurança e de proteção, diferentemente nas ruas e em outros lugares desprotegidos onde as pessoas sentem medo e ao mesmo tempo desprotegidos devido os inúmeros problemas existentes nesses locais, assim quando submetidos a essas sensações cultivam a vontade de voltar pra casa onde se sentiriam em paz e tranquilos. A expressão de “casa” pode ter tanto a conotação física e simbólica ao mesmo tempo.

Estar em casa é encontrar um abrigo, um refúgio, onde podemos descansar sem medo, porque a casa é nosso espaço de aconchego e nos possibilita a liberdade de ficar da melhor forma possível. Não é diferente quando estamos imersos nas nossas línguas maternas. A nossa liberdade é bem maior e espontânea, contrariamente quando temos que falar uma língua estrangeira, principalmente quando nos a falamos para sobreviver. A maneira de pensar o mundo através de nossa língua materna é muito mais ampla quando somos obrigados a pensar numa língua estrangeira. Nas palavras de Vincent ele diz assim:

Quando tenho que falar português não é a mesma coisa quando falo minha língua. Sou mais sujeita a errar na língua portuguesa que na minha, isto é, a língua crioula haitiana, a razão é simples, porque na minha língua as coisas são mais claras não preciso recorrer a dicionário muitas vezes como faço em português. E penso que isso não é diferente de qualquer outra pessoa que cresceu na sua língua nativa, sendo adulto, com certeza essa língua será mais fácil de comunicar e fazer os seus afazeres. Confesso que me apanhei muito na língua portuguesa até que chega o momento que posso entender e

conversar, ainda falta muitas coisas a aprender em português porque sem ele não tenho como entender outras disciplinas, para mim a disciplina portuguesa é a base para entender de todas as outras disciplinas.

Vincent como muitos não escondem as suas dificuldades na língua portuguesa, como estrangeiro que acredita na superação das dificuldades para algo melhor. Mesmo difícil a sua comunicação e sua compreensão na língua portuguesa ele sempre utiliza recursos que lhe facilita um melhor entendimento, usando dicionário como um dos recursos que possibilita uma aproximação do idioma de português. Enquanto na sua língua ele se sente livre para conversar, estudar e fazer que desejo sem muitas dificuldades. Com perseverança acredita-se que chegará um momento onde dominará o português.

Com o intuito de entender melhor essa situação vivenciada tanto pelos alunos haitianos da escola Orlando Freire, dos professores de português e dos seus colegas brasileiros, faz-se importante conversar com mais um aluno brasileiro que estuda junto com um dos alunos haitianos. O nome do aluno é Patrick, natural de Brasília, seu pai passou no concurso federal, teve que vir morar na cidade de Porto Velho. Patrick já tem três anos estudando nesta escola, e relata que,

Até então nunca havia estudado numa escola junto com estrangeiro, com a chegada dos haitianos nesta escola passei a estudar junto com um aluno haitiano. Eu e outros colegas nos primeiros dias aproximávamos com frequência dele para saber quem é ele, tipo a sua história de vida, sua família e seu país, porque vimos nos jornais que o Haiti teve uma tragédia onde morreram muitas pessoas e destruição em massa, e têm muitos haitianos no Brasil. A gente falava com ele e ele não respondia nada, a gente pensava que ele não queria conversar conosco, porém com o tempo demos conta que o problema está no fato que não nos entendia. Depois de algum tempo ele fazia sinal com a mão ou balançava a sua cabeça, é engraçado e triste ao mesmo tempo viver uma situação desta, estar numa multidão onde ninguém te entende. Com o passar do tempo posso dizer que as coisas estão melhorando porque agora ele entende um pouco mesmo são poucas. Algo acho que poderia ajudar ele é ter aula de reforço para que ele pudesse entender com mais rapidez porque não dá para entender todas as matérias que recebemos, isso é o que eu penso. Estou feliz estudando com estrangeiro espero depois que ele domina bem o português poderemos saber mais do seu país, sua vida e de sua família e da sua cultura.

Patrick na sua fala explica muito bem que estudar junto com outras nações para ele é algo novo. Isso o leva a ter muita curiosidade em saber sobre o seu colega de aula tais como: sua história de vida pessoal, sua família e seu país. O jovem ainda relatou a grande tragédia que viu nos jornais que destruir muito o país caribenho o lugar de origem do seu colega haitiano. Certamente ele se referiu ao terremoto que atingiu o país em 12 de janeiro de 2010, que agravou os problemas existentes no país expondo a difícil situação socioeconômica enfrentada pela população desde décadas anteriores. De acordo com Scheinkmann (2016, p. 89) “o Brasil, nos últimos anos, vem recebendo um número crescente de imigrantes, dentre os quais de haitianos, [...] desde o terremoto que atingiu o país caribenho em 2010”.

Ao perceber o fluxo migratório dos haitianos no Brasil, a ex-presidente Dilma Rousseff visitou o Haiti no dia 2 de fevereiro de 2012 com o objetivo de facilitar a entrada dos haitianos legalmente no Brasil através de vistos conseguidos desde Porto Príncipe. Na ocasião a presidenta Dilma Rousseff fechou um acordo com o presidente Michel Martelly para deter imigração ilegal dos haitianos para o Brasil, onde prometeu assinar 1.200 vistos⁵. Enquanto o Patrick viu pelos jornais o grande número de haitianos chegando ao Brasil Pereira também vivenciou algo parecido, porém mais de perto quando ela afirmou,

⁵Brasil e Haiti fecham acordo para deter imigração ilegal. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/brasil-e-haiti-fecham-acordo-para-deter-imigracao-ilegal/>, acesso em 5 outubro de 2018.

No início de 2011 chegou o primeiro grupo de haitianos a Porto Velho. Fui privilegiada, pois no bairro onde moro muitos deles escolheram habitar. Passei a observá-los cotidianamente. Nas ruas, na feirinha do sábado pela manhã, nos supermercados, conversando alto nos celulares [...] ou sentados no meio-fio do Espaço alternativo onde eu costumo caminhar, perambulando atrás de emprego ou de um lugar para morar. Começar de novo e em terra estranha. (PEREIRA, 2016, P. 24).

As duas confirmações tanto Patrick e Pereira mostram que sim a chegada dos haitianos em grande número nos territórios brasileiros era e é algo sabido pelo povo brasileiro e se mostram interesse em conhecer esse povo caribenho, sua cultura e o seu jeito de ser. Viver em um país estrangeiro a primeira necessidade está na compreensão da língua, sem um bom entendimento do idioma falado pelo quem aqui recém chega deve enfrentar uma dificuldade enorme. Enquanto os alunos haitianos frente este desafio nas escolas outros enfrentam o mesmo desafio no mercado de trabalho, em busca de suas documentações, e em geral de qualquer interação com o povo nativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante essa pesquisa descobrimos a suma importância que tem a língua falada de um povo nas realizações de suas atividades cotidianas. Estudar sem compreender a língua utilizada nas aulas é impossível, causa um sentimento de desespero e de angústia. Tantos os professores, colegas e os próprios alunos demonstraram muito claro nas suas falas. No caso dos alunos haitianos que estudam na escola do ensino fundamental e médio de Orlando Freire no município de Porto Velho em Rondônia Brasil, dominar a língua portuguesa é um fator obrigatório para estudar e compreender todas as outras disciplinas oferecidas nas escolas, brasileiras, para entender o funcionamento do sistema educativo brasileiro como também conviver e interagir com os professores e os colegas de aula e de uma maneira mais ampla compreender nas suas profundezas a cultura brasileira em sua grande diversidade.

As explicações dadas pelos quatro alunos haitianos nos dão condição suficiente de entender as dificuldades que passaram e que ainda passam na aprendizagem da língua portuguesa tendo uma leve satisfação ao comparar os primeiros meses com os dias atuais. Graças aos seus esforços e a compreensão dos seus professores como pessoas de bom coração, e capacitadas os acompanham nesse difícil processo de suas vidas acadêmicas. Hoje se sentem bem melhor de quando chegarem à escola Orlando Freire. Quando dirigi a palavra a eles a língua que escolherem para falar foi a sua língua nativa o *créole*. tal atitude vai de encontro com as colocações de Besse (2013, p. 228) a nossa primeira língua, materna ou paterna, a língua de nossa origem, ela é nossa língua é a nossa casa. Nela sentimos muito confiante na hora de abrimos ao mundo, discutir nossas ideias, visões sobre as coisas.

Além de Besse, Foucault (2004, p. 12-13) também defende a ideia que é de suma importância à língua que aprendemos desde a nossa infância, porque a língua em que crescemos é nossa única pátria real, o único chão em que se pode caminhar com toda segurança, a única casa onde se pode parar e abrigar em qualquer hora sem preocupação, na hora de comunicar na língua que aprendemos desde a infância é sempre com grande alegria. A partir dessas afirmações sem dúvida nenhuma a língua aprendida na infância é aquela que sentimos mais confiantes em realizar qualquer atividade de nossas vidas. Portanto, chegamos a observar, que a língua materna ou nativa é para a nossa fonte de maior sabedoria.

REFERÊNCIAS

1. **A Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96 - JusBrasil.** Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11691412/artigo-32-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>, acessado em 19 de maio de 2019.

2. BAKHTIN, Mikhail. **MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM**. HUCITEC, 12ª Edição – 2006.
3. BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. In: *Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas*, Vol. 1, Brasiliense, São Paulo, 1987.
4. BESSE, Jean-Marc. **Hatiber: un monde à mon image**. Paris: Flammarion, 2013.
5. BOLLNOW, Otto Friedrich. **O homem e o espaço**. Curitiba. Editora da UFPR. 2008.
6. **Brasil e Haiti fecham acordo para deter imigração ilegal**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/brasil-e-haiti-fecham-acordo-para-deter-imigracao-ilegal/>, acesso 5 de outubro de 2018.
7. HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. **Petrópolis: Vozes, 2002**.
8. KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Trad: Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Introdução e notas de Alexandre Fradique Morujão - 5ª edição, Serviço de Educação e Bolsas Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2001.
9. MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.
10. MICHEL, Foucault. **Entretien avec Claude Bonnefoy, le monde**, 12-13 septembre 2004.
11. MOSER, L. M.; CHARLES, C. J. **As ideias de Rousseau sobre a Educação Infantil e sua contribuição para a atualidade**. *Labirinto*, ano 18, v. 28, n. 1, p. 232-246, jan./jun. 2018.
12. PEREIRA, Rosa Martins Costa. **Lugaridades com haitianos evangélicos**. Tese de Doutorado em Geografia. Curitiba: SCT/DG/PPMDG/UFPR, 2016.
13. RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Trad. Maria Cecília França. Editora Ática S. A., São Paulo, 1993.
- SCHEINKMANN, Débora Cristina Freytag. **Os haitianos no Brasil: entre uma questão ambiental, de legalidade e de dignidade humana**. Dissertação submetida ao Curso de Mestrado Acadêmico em Ciência Jurídica da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, 2016.